
MANUAL TERAPÊUTICO-FILÓSOFICO

PACE - PSICODINÂMICA e ABORDAGEM COSMO-EXISTENCIAL

Régis Alain Barbier

MANUAL TERAPÊUTICO-FILÓSOFICO

PACE - PSICODINÂMICA e ABORDAGEM COSMO-EXISTENCIAL

Manual referente á obra ESSÊNCIA E PERSPECTIVA METAFÍSICA EM PSICOTERAPIA – Psicodinâmica e abordagem cosmo-existencial, uma nova matriz - 2011 – 436 pag.

O 'eu' existe integrado e unido ao corpo, ao mundo e ao Cosmos. Essa compreensão filosófica primeva, permite resgatar a justa natureza e valor do indivíduo, sanar e descartar, sem infimos esmiuçados psicanalíticos, a visão dicotômica e preconceitos culturalistas constituídos à sombra do eixo de perspectiva metafísica transcendente-transcendental, tipicidade atual do *genus latinum*.

MANUAL TERAPÊUTICO-FILOSÓFICO

PACE - PSICODINÂMICA e ABORDAGEM COSMO-EXISTENCIAL

Desenhar uma boa vida demanda lucidez e cuidados, isto é, exige uma prevenção e terapia, que é uma filosofia.

O tempo referente ao fundamental não é cronológico; ancoradouro universal do estado-de-ser, o momento se consagra como único lugar produtivo.

ÍNDICE

MANUAL TERAPÊUTICO-FILOSÓFICO - PACE

1	INTRODUÇÃO FILOSÓFICA.....	5
1.1	FUNDAMENTO COSMO-EXISTENCIAL.....	5
1.2	PERSPECTIVA MONISTA E IMANENTE	5
1.3	FONTE DE SABER INTERIOR.....	5
1.4	GERAÇÃO LATINA.....	6
	<i>I. Axiomas decorrentes</i>	<i>6</i>
2	INTRODUÇÃO TERAPÊUTICA.....	7
2.1	UNICIDADE PARADOXAL.....	7
2.2	DA NATIVIDADE DE 'EU'	7
	<i>II. Axiomas decorrentes</i>	<i>8</i>
3	LUZ NATURAL DA RAZÃO	9
3.1	DISCRIMINAÇÕES PRIMORDIAIS.....	9
3.2	ESCOLHAS E DESCOBERTAS	9
	<i>III. Axiomas decorrentes</i>	<i>9</i>
4	DO ESTADO-DE-SER.....	10
4.1	ENLACE ESPANTOSO E ESTRUTURA SIMBÓLICA.....	10
4.2	CENTRO DE VERDADE E SABER	10
	<i>IV. Axiomas decorrentes</i>	<i>10</i>
5	VIRTUDES TERAPÊUTICAS.....	11
5.1	RAZÃO QUALIFICADA	11
5.2	ESPANTO VIRTUOSO	11
	<i>V. Axiomas decorrentes.....</i>	<i>11</i>
6	PERSPECTIVAS METAFÍSICAS E EPISTEMES	12
6.1	DOS EIXOS DE PERSPECTIVAS METAFÍSICAS	12
6.2	PARADOXO IMENSURAVEL OU FÁBULA PROVEITOSA.....	13

6.3	TRIANGULAÇÃO PATOLÓGICA	13
	VI. Axiomas decorrentes	15
7	REALIZAÇÃO COSMO-EXISTENCIAL	16
7.1	CRIATIVIDADE, RESPONSABILIDADE E MAIORIDADE	16
7.2	ESCOLHAS METAFÍSICAS	16
7.3	TRIANGULAÇÃO COSMO-EXISTENCIAL.....	17
	VII. Axiomas decorrentes	18
8	DA PSICODINÂMICA	19
8.1	PATOGENIA CULTURAL	19
8.2	ADULTERAÇÃO	19
8.3	MINUSVALIAS CONSAGRADAS	19
8.4	DA VERDADE POR CORRESPONDÊNCIA SAGITAL	20
	VIII. Axiomas decorrentes	21
9	PROCESSOS DE CURA	22
9.1	TERAPIA ANAMNÉSICA.....	22
9.2	ASPIRAÇÃO VITAL.....	22
9.3	ENUNCIADOS FUNDAMENTAIS.....	23
9.3.1	<i>Intenção terapêutica.....</i>	23
9.3.2	<i>Princípio unitário</i>	23
9.3.3	<i>Orientação filosófica.....</i>	23
9.3.4	<i>Intuição metafísica</i>	24
9.3.5	<i>O indivíduo como estado-de-ser</i>	24
9.3.6	<i>Criatividade essencial.....</i>	25
9.3.7	<i>Responsabilidade social.....</i>	25
9.3.8	<i>Do momento terapêutico.....</i>	25
9.4	EPISTEMES FUNDADORAS	26
9.5	HETERONIMIA CRIATIVA.....	27
9.6	CIBERNÉTICA EVOLUTIVA	27
10	DA ESTRUTURA DO ATENDIMENTO.....	29
10.1	RESPEITO E TOLERÂNCIA.....	29
10.2	COMPROMISSO DE PARTICIPAÇÃO	30
10.2.1	<i>Dos encontros:</i>	30
10.2.2	<i>Expectativas</i>	30
10.3	ELICIANDO A NARRATIVA	30
10.3.1	<i>Detalhamento.....</i>	30
10.3.2	<i>Assuntos necessários.....</i>	30
10.4	METODOLOGIA	31
10.4.1	<i>Escuta intensa.....</i>	31
10.4.2	<i>Revisão e corregimento.....</i>	31
10.4.3	<i>Modulação.....</i>	31
10.5	PERGUNTAS E DESAFIOS.....	32
11	PERPLEXIDADES INERENTES	32
12	SINAIS DE PROGRESSO.....	33

1 INTRODUÇÃO FILOSÓFICA

1.1 FUNDAMENTO COSMO-EXISTENCIAL

Na fronteira metafísica, uma intuição de valor, incontornável impressão da relação consciência-existência, rege um eixo de perspectiva filosófica, correspondentes coordenadas metafísicas secundárias, ritos batismais, mitos e decorrentes disposições pedagógicas e políticas, urbanidades, retóricas e etiquetas.

A configuração metafísica consagrada no domínio societário engendra problematizações, modula potenciais, pedagogias e políticas que condicionam as manifestações societárias, culturais e psíquicas, as realizações existenciais: um enquadramento civilizatório se estrutura a partir de uma configuração metafísica e resultante intuição de valor, eixo de perspectiva e coordenadas metafísicas secundárias.

Embora não sendo comumente examinada e escolhida, mas condicionada e transmitida através das estruturações psicossociais consagradas, a intuição metafísica pode ser coordenada com responsabilidade.

1.2 PERSPECTIVA MONISTA E IMANENTE

Nessa terapia filosófica, PACE, não se advogam rupturas: não se intui que o estado-de-ser natural e lúcido possa evocar: a) um 'sujeito sobrenatural', fiador de saber reservado, elitista, contrastando com b) um eventual 'sujeito decaído' existindo como pedinte num mundo acidental.

No eixo de perspectiva cosmo-existencial, no centro meditativo mais concentrado, o estado-de-ser se vivencia como confluência unitária e paradoxal de consciência-existência, símbolo num sentido completo, *sym-bállein* ou *sym-bolon*, evidências que se vive e signos que se reconhecem como metades de um disco identificador cuja reunião afirma o seu pleno sentido e identidade: natureza unitária e cósmica.

1.3 FONTE DE SABER INTERIOR

É no *interior-em-si*, expressividade consagradora do estado-de-ser, que, nas religiosidades, refere à noção de sublime, santuário intrínseco e imediato ao indivíduo, que o indivíduo comprova a relação consciência-existência em que se coordena a intuição metafísica cosmo-existencial, correspondentes configurações conceituais e vocacionais.

Caracteriza-se um posicionamento filosófico generativo que evoca um espaço existencialista e fenomenológico radical onde a coordenada metafísica seminal e desdobramentos cosmo-existenciais potencializam uma transcendência que reporta a uma harmonia imediata e sensível.

A conceituação 'interior-em-si' contrapõe a discriminação kantiana onde a reflexão ensimesmada do sujeito se delimita em relação a uma 'coisa-em-si' hipotética, uma relação existencial e intuição

metafísica dicotômica que se desdobra nas estruturações teológicas, acadêmicas, econômicas e políticas correspondentes.

1.4 GERAÇÃO LATINA

Entende-se que os usos, costumes e valores da cultura imperial - como poetiza Vergílio em Eneida, “a *geração latina... e muralhas da poderosa Roma*” -, hábitos sustentados em educação impositiva, retórica e políticas sectárias e autoritárias, ofuscam o contato intuitivo, imediato e incontestável, com a essência unitária que incorpora e consagra em-si a estrutura metafísica.

À sombra das tipicidades da cultura dominante, instituída numa perspectiva metafísica dicotômica, opositiva e dualista, desdobrar-se-ão reações conflituosas, implicando estraneidade, rupturas incontornáveis e antitéticas - ‘eu-outro’, ‘eu-cosmos’, ‘eu-divino’, ‘sujeito-objeto’ -, doutrinando-se alternativas esperançosas e potenciais de compensação em planos hipotéticos e idealísticos.

O conceito dualista da *estraneidade do ‘Eu’*, pedra angular da teologia ocidental, predomínio histórico cultural do *genus latinum*, sociocracias e buscas filosóficas coligadas, é exorbitante e opinativo, em conjunto com as escalas teóricas e culturalistas correspondentes, gestões acadêmicas, teológicas-sacerdotais e burocracias laicas-cientificistas.

I. Axiomas decorrentes

Os enquadramentos societários existem e perduram instituídos em eixos de perspectivas metafísicas, instituídos em ritos batismais, estruturas político-pedagógicas, econômicas, retóricas e etiquetas correspondentes, instalando relações existenciais e civilizatórias dificilmente desafiadas, vias psicossociais de prazeres e sofrimentos, potenciais de realizações e limitações.

A congruência e lucidez do estado-de-ser depende da estrutura metafísica operante, do seu reconhecimento, assim como das coordenadas metafísicas secundárias que vicejam nas relações e estruturam as pedagogias, políticas e demais ordenamentos societários.

Afirmar a realidade do estado-de-ser como união paradoxal de consciência-existência, verdade confirmável no interior-em-si, caracteriza um eixo de perspectiva metafísica.

A relação com o mistério, o seu significado, se institui e se desdobra na autoridade e no coração sensível do estado-de-ser: no ‘interior-em-si’.

O estado-de-ser é conjugação inelutável de consciência-existência, símbolo num sentido completo, metafísico, signo e evidência de ser.

2 INTRODUÇÃO TERAPÊUTICA

2.1 UNICIDADE PARADOXAL

Uma terapêutica filosófica efetiva deve possibilitar uma apreciação fundamental do estado-de-ser, o reconhecimento das perspectivas metafísicas, decorrentes e correspondentes vias de transcendência que evocam, seja: a) união mística - mistério virtuoso que identifica o indivíduo à noção de Cosmos ou divino, ou; b) infindas dicotomias e rigorosas polarizações.

Nessa terapia, num tempo relativo à dedicação e vigor das desconstruções, o estudo afunila em saberes incontornáveis focados no reconhecimento da primazia da relação unitária e paradoxal consciência-existência, união indivisa, original e identificadora, do indivíduo e do cósmico.

A afirmação de potenciais eco-humanistas criativos e harmoniosos exige uma realização destemida, uma renovada intuição metafísica e mitologia cultural, um reposicionamento do existente frente a si mesmo ao insondável cósmico: um feito vanguardista exequível na coabitação de uma ampla resiliência filosófica e tolerância.

A identidade e origem metafísica do estado-de-ser é o próprio fenômeno existencial: a relação consciência-existência é o tabernáculo da essência; a intencionalidade magna da consciência é a própria existência.

2.2 DA NATIVIDADE DE 'EU'

É possível reaprender a sentir e pensar com sobriedade, viver com retidão e responsabilidade, como um antigo mestre de saber, afirmar na primeira voz, no coração e pensamento reunidos, a essência selada na união amorosa e generativa dos gametas.

Ao conceito paradigmático da estraneidade do 'Eu' opõe-se o conceito de *natividade do 'Eu'*, onde se advoga a existência de um 'Eu' nativo, coligado à natureza e imerso no cósmico, capaz de reconhecer o Belo numa percepção imediata, estética e vibrante.

Busca-se de uma apreensão feliz do processo existencial, resultando em vida digna, próspera e pacífica; eis o justo assentamento, a intenção reta e fenomênica da consciência, das praxes cotidianas aos arrebetos universais, selando uma ação humana acordada e íntegra. O encanto de sentir a natureza como portadora magna da nossa mesma identidade é suficiente para justificar plenamente e apreciar a existência dada a ser.

II. Axiomas decorrentes

Uma terapia-filosófica deve permitir o reconhecimento das perspectivas metafísicas geratrizes, mitologias e movimentos socioculturais que estratificam os indivíduos em ordenamentos psicossociais, ou coordenadas metafísicas secundárias.

As intuições metafísicas podem ser escolhidas e coordenadas com razão qualificada e responsabilidade.

O fenômeno existencial, a manifestação, é a própria verdade, identidade e origem, a relação consciência-existência é o tabernáculo da essência; a intencionalidade magna da consciência é a própria existência.

Neste fenômeno existencial e metafísico, o caráter real e relacional do 'eu' não é de estraneidade, mas de união.

3 LUZ NATURAL DA RAZÃO

3.1 DISCRIMINAÇÕES PRIMORDIAIS

A terapia aqui proposta tem início em uma experiência de plenitude intrínseca ao indivíduo, potencial de conhecimento imediato, sensível: a intuição estética e integradora de unidade e harmonia, horizonte primordial e antecedente, supera e permite transcender as distorções típicas e sofisticadas das edificações culturais.

É necessário lembrar, retornar ao início, fazer *tábula rasa*, aprender a conhecer a partir da instância mais original do saber, nucleada em si mesmo, onde um ato estruturador de distinções, intrínseco, potencialmente autonômico e responsável, opera em campo unitário.

Trata-se de uma razão e realização filosófica qualificada, sensível, onde flui, em vias paralelas, ao lado dos saberes e das reflexões, uma praxe corajosa e prudente que considera e examina a situação existencial fundamental, reminiscências agregadas, em busca de mais sabedoria: a justa apreciação do Belo.

3.2 ESCOLHAS E DESCOBERTAS

Esse intento terapêutico-filosófico fundamenta-se na realidade existencial e fenomênica do indivíduo, ele é passível de ser decodificado e compreendido, na proporção do veio poético e a sensibilidade de cada um.

O estado-de-ser é conjunção unitária e primordial de dois grandes atributos: físico e cogitativo, logo, a realização filosófica/terapêutica caracteriza, por igual: a) processos de descobertas e experiências, e, b) atos de afirmações e escolhas.

Encontros, experiências, compartilhamentos, processos dialógicos, emoções, sentimentos, intuições, imaginações, visões, conceitos, o que perfaz a realidade existencial, exige escolhas e posicionamentos, demanda atitudes.

A consciência imediata e contextualizada de interagir no propósito de coordenar as relações com o que é outro configura a praxe-de-ser.

III. Axiomas decorrentes

Esse intento terapêutico-filosófico acompanha e revela os assentamentos existenciais fundamentais e vias decorrentes: logo, é passível de ser decodificado e compreendido por todos.

A expressão vital configura uma praxe por existir em contexto, sensível, atuante e razoável.

A natureza humana é conjunção unitária e criativa de dois atributos: físicos e cogitativos (postulado spinoziano); logo, buscar uma cura ou realização filosófico-terapêutica é uma praxe que exige descoberta, escolha e afirmação.

O processo existencial afirma a sua vitalidade quando justifica a sua identidade e natureza, quando valoriza o fundamental: a união original, o Cosmos.

4 DO ESTADO-DE-SER

4.1 ENLACE ESPANTOSO E ESTRUTURA SIMBÓLICA

A metafísica fronteira o real: o Cosmos mensurável e o ser sensível, estado-de-ser integrado e esférico como uma mandala, é conjunção de plenitude onde a essência é união e amor antes de ser luz da razão: o uno não se analisa e o Belo não se formula, se reconhecem e intuem; a unicidade paradoxal consciência-existência, a convergência identificadora que se estabelece entre a totalidade da cognição e seus objetos surpreende e comove.

A fusão indissociável e totalizante da ciência que simboliza e dos eventos referentes, ou simbolizados, a convergência paradoxal do estado-de-ser num evento metafísico, fenômeno inquebrantável, realiza o grande espaço vital onde a consciência discriminadora e a totalidade do discriminado configuram uma unidade em cujo núcleo ajuntam e colapsam as distinções radicais.

4.2 CENTRO DE VERDADE E SABER

A identidade, substância e essência do estado-de-ser se revela, firmemente enlaçadas, no binômio consciência-existência, evento cómico original e terminativo. Uma anamnese revela um 'eu-sou' (estado e ser) universal e pleno, irradiando de cada e reunindo a totalidade dos potenciais, o todo.

Reconhecer o estado-de-ser (re)estabelece a intuição e perspectiva metafísica mais genuína e sóbria; uma realização duplamente primordial no processo do amadurecimento cultural, embora esquecida pelos contemporâneos: a) evidência imediata típica das crianças; b) modo indígena de ser.

A virtude prístina atribuída a esse binômio manifesta um posicionamento existencial fundamental, uma intuição metafísica ordenadora de perspectivas, experiências e trajetórias correspondentes.

O reconhecimento da união metafísica primal, cosmo-existencial, clarifica esse 'sujeito moderno' circunscrito como uma bolha, estranhando a si mesmo e flutuando no vazio da 'coisa-em-si', estratificado em conceituações sectárias geradoras de hierarquismos e violências.

IV. Axiomas decorrentes

A virtude atribuída ao mistério metafísico manifesta um posicionamento existencial, ou perspectiva, instituidora de trajetórias e experiências que correspondem aos valores elegidos.

Postula-se a união existencial da consciência, do corpo e do Cosmos num todo paradoxal, individual e universal. uma convergência identificadora exigindo saber e atenção.

O reconhecimento desse estado-de-ser único, integrado e esférico, (re)estabelece o modo de ser natural e legítimo em que o Cosmos mensurável e o ser sensível ajuntam-se em união.

A reunião indissociável dos eventos simbolizadores e dos simbolizados realiza em natureza e consciência um espaço vital onde tende a se manifestar o que se discrimina num enlace espantoso e sagital.

5 VIRTUDES TERAPÊUTICAS

5.1 RAZÃO QUALIFICADA

Sendo agregação radical e paradoxal de opósitos, o núcleo do estado-de-ser configura um mistério, uma conjugação que pode ser abordada e apreendida de modo autônomo e frontal, ou, inversamente, de modo culturalmente induzido, condicionado.

É dever humano e filosófico definir a natureza própria, origem, identidade e valor, frente ao processo existencial. Um parâmetro útil e fiel para definir o que vem a ser uma boa vida deve explicitar uma concordante relação do 'ser' com a (sua) 'natureza': isto é a unicidade do estado-de-ser como fenômeno metafísico e paradoxal.

Apenas uma apreciação positiva e reverente pode fazer jus a esse fenômeno paradoxal, contrastante e complementar, gerador de reciprocidades dialógicas e serenidade, resultando em vida motivadora de disposições criativas e harmoniosas. A possível glória e vitalidade do momento encontram-se compartilhando a unicidade original com criatividade e bom-humor.

5.2 ESPANTO VIRTUOSO

O estado-de-ser, união metafísica e consagrada da consciência e da existência, evoca novas inteligibilidades e saberes, sentimentos fusionais entre a natureza e as correspondentes intuições, sentimentos e pensamentos.

Aberto ao grandioso e sublime, o indivíduo suporta o desmoronamento da compreensibilidade em incognoscibilidade na hora em que rompe a distinguibilidade e colapsam-se visões e visionários reunidos na temporalidade e infinitude - espanto que raia nos confins do possível.

Anuir com o estado-de-ser é prezar a relevância ética do paradoxo, reconhecer a adequação e excelência da natureza humana frente aos universais, aceitar a grandeza e completude da perfeição cósmica, suportando as clarezas da lucidez, as fronteiras entre saber e não-saber, luz e sombra: é ser livre, além do bem e do mal.

V. Axiomas decorrentes

É parte do dever humano definir a natureza própria e valor frente ao processo existencial: uma apreciação virtuosa explicita uma nobre e concordante relação do 'ser' com a (sua) 'natureza' e resulta em vida digna.

O reconhecimento da paradoxal e impreterível conjugação da consciência e da existência revela um momento criativo e sagrado em que se cultiva a união que origina e vitaliza.

Aceitar o estado-de-ser é prezar a relevância ética do paradoxo, reconhecer a excelência da razão natural, a adequação da natureza humana frente aos universais: é ser virtuoso.

O espanto filosófico, abertura humana ao Belo e sublime, resulta do exercício atento e lúcido da razão qualificada.

6 PERSPECTIVAS METAFÍSICAS E EPISTEMES

6.1 DOS EIXOS DE PERSPECTIVAS METAFÍSICAS

A investigação filosófica profunda, fundamentada no reconhecimento das intuições metafísicas, permite problematizar a estruturação cultural do estado-de-ser, da psiquê e suas relações, exigindo posicionamentos éticos e estéticos decisórios.

Neste ensaio, o *eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial* (ePMCE) é considerado generativo e original, sendo o *eixo de perspectiva metafísica transcendente-transcendental* (ePMTT), igualmente, considerado generativo, mas excêntrico, por não incluir a união fenomênica radical na sua axiologia, ser enraizado em imposição ideológica e dominação cultural. A qualificação 'generativa' é comum: explicita o potencial dos eixos metafísicos como instituidores de ordenamentos civilizatórios e culturais, operantes através das suas respectivas *coordenadas metafísicas secundárias* (CM2).

O eixo de perspectiva metafísica transcendente transcendental (ePMTT), epítome moderno da metafísica dualista, fundamento teológico da tradição sobrenaturalista, é a perspectiva metafísica que vigora, subjacente aos ordenamentos políticos representativos do estatismo globalizado: é a gestalt imperativa de tradição sectária e hierarquista, tributária de uma revelação elitista e privilegiada, midiaticizada em ritos e introjetada por impressão mítica batismal, resultantes carências de explicitações, ansiedade e desarmonias psicossociais refletidas nos meios familiares, escolares, comunitários e profissionais.

O eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial (ePMCE), coordenado no exercício imediato e atento da inteligência natural e meditação filosófica, opera nas profundezas individuais do estado-de-ser, no interior-em-si, instaurando uma relação consciência-existência integrada e complementar. Essa alquimia metafísica consagra o estado-de-ser ao reunir as dimensões humanas e cósmicas, universalizando as mensuras do homo sapiens, numa infinita e paradoxal esfera dialógica: trama unitária em que se aprecia a diversidade e interdependência.

As grandes escolhas existenciais afunilam entre: a) o posicionamento metafísico monista e primal, união paradoxal da consciência e do Cosmos: a consubstanciação universal da natureza e do divino como sacramento interior e inato do estado-de-ser lúcido; b) o posicionamento metafísico dualista, excêntrico, desidentificação e incoincidência dos conceitos divino e natureza, ruptura radical do binômio consciência-cosmos: consciência como evento teológico sobrenatural.

A afirmação filosófica da perspectiva cosmo-existencial possibilita denotar e superar a perspectiva metafísica vigente e sua trindade de ordenamentos alienantes: teológicos-políticos, cientificistas-positivistas e midiáticos.

6.2 PARADOXO IMENSURÁVEL OU FÁBULA PROVEITOSA

Situação equívoca, estrutura-tabu do dualismo e da modernidade, o eixo de perspectiva transcendente-transcendental veicula o conceito de ‘estranheidade do eu’, geratriz de insuperáveis dificuldades e fortes polarizações.

Nessa conceituação sectária, o estado-de-ser original, passa a se desentender como sujeito hipotético, radicalmente separado, dubitativo ou obsessivo, carente de sintaxe: criatura fictícia, degredada, estranha ao corpo, ao mundo, a tudo o que é outro, errando nas fronteiras ‘sujeito-objeto’, humano incurável, terra-de-ninguém da psicanálise, destinado a uma forma de consolo e algum processo de sublimação.

Imaginar uma esfera espiritual-criadora separada dos gerenciamentos naturais, isto é, além dos potenciais cognitivos que operam distinções, logo, radicalmente ignota, mas postulada antecedente e apriorística, denota um fabuloso desvio da sensibilidade estética e da razão, configurando uma subcompreensão do símbolo típico do domínio cultural vigente.

Reduzir a simbologia a um valor semântico, mero sinal conjuntivo entre coisas e nomes nos ordenamentos escalares e frontais da reflexão, oculta a natureza simbólica mística e sagital da existência: a estrutura matricial e onto-poética da experiência, onde significantes e significados entrelaçam-se e fusionam-se num ilimitado e irradiante magma metafísico-existencial.

6.3 TRIANGULAÇÃO PATOLÓGICA

Excêntricos, o dualismo teológico, reportando a uma historicidade sectária e sobranceira, comungado com o cientificismo, desvios de focos correspondentes como mão e luva, pilares da esquizoidia psíquica e sociocrática fundamentada no ePMTT, instituem e configuram as coordenadas metafísicas secundárias (CM2), instâncias políticas e culturais residentes da modernidade.

Coordenadas metafísicas instituidoras de uma entidade tricéfala, substanciada em retóricas, mitos e psicopedagogia catequistas: 1) esquina da sujeição, ou *subjetivismo*, recanto do sujeito alheado, ideando-se banido num espaço imaginário; 2) esquina da objetificação, ou *objetivismo*: espaço de busca típico do cientificismo onde a natureza geral e humana transmuta em objeto, recurso produtivo e casuística de laboratório, 3) esquina da especulação, ou *dogmatismo*: ângulo das elites, enviados e supervisores, diretores do destino societário, de alguma forma, evocando a ‘coisa-em-si’, seja mítica ou de gabinetes.

Um ordenamento psicossocial patológico que triangula e delimita relações intrapessoais e interpessoais conflituosas, embates societários opositivos, onde os anseios dos indivíduos são arbitrados por especialistas, as agitações dos grupos por porta-vozes e representantes assentados em haveres antes conquistados: burocracias, ditaduras e despotismos teocráticos que ainda vigoram.

- I. *Esquina Subjetivista*: reino desse sujeito sem corpo, sem habitat nem deus, paródia e antítese egoica de um *Logos* banido, desprovido de praxes lúcidas, evocando um ‘ente-sujeito’ enclausurado na cultura vigente, aprisionado, escavando a si mesmo psicanaliticamente, procurando fundamentos nos reflexos do cogito, rótulos e etiquetas, em busca de domínios ilusórios.

- II. *Esquina objetivista*: recurso humano gravitando em determinismo e fatalismo, terreno árido e neutral da robótica e das engenhocas, logicismos onde se desconsideram as intuições e atos de consciência porque imponderáveis, uma antítese e paródia insensata do *Ethos*, matriculando um ‘ente-objeto’, material humano, peça administrada e fichada em registros e coordenadas estatísticas.
- III. *Esquina dogmática*: operada por hierarcas, representantes e sociocratas, observadores ou especuladores entronizados; instituída em idealismos fabulosos desenhados para consolar e arregimentar uma humanidade prostrada: as diversas formas de teologismos e esoterismos, paródias idealísticas do *Mythos* onde se espera mais poder, vida e alegria em futuros eternamente postergados.

Não ponderar essas elaborações, ser adepto, implica, a priori, imaginar-se afastado de três lugares: dois reais e um hipotético: o planeta terra não é mais reconhecido como berço original, potencialmente aconchegante; tampouco se reconhece na corporeidade uma estrutura incontornável; por fim, concebe-se um céu-telos factualmente ignoto, extrínseco e sobrenatural, antitético à vitalidade natural, postulado como esfera cristalizada e imutável de perfeição apenas acessível na morte – sendo o planeta um lugar indigno, desterro e *Ethos* dos gentílicos e indígenas.

Nos embates em busca de acordos, a não ser excepcionalmente, os filósofos instituídos e instituidores, os terapeutas do Superego, do Eu e do Id, aparentam assumir a posição confortável de não perceber que seus discursos culturalistas volitam envolvidos nas esferas de influência das psicogeografias que sustentam as manifestações políticas e possibilidades civilizatórias criticadas, apenas negociando aberturas e lotes ínfimos de facilidades, em meio a um handicap central, jamais abordado, ou raramente desafiado: a ideia de um sujeito perdido e alienado, estranho ao corpo, ao mundo e ao plano divinal; a estraneidade de um ‘Eu’ desorientado e carente de coordenadas universais, pilar dessa edificação excêntrica e barroca em que prosperam e professam.

Ao apostolar significados e esperanças locados num além insensível, céu de um *subjectum* ideal, para sanar uma ideia obsessiva referente a um “universo frio e sem sentido”, a perspectiva metafísica sobrenaturalista - com efeito uma desnaturação ‘a-física’ da metafísica - subjacente às ideologias catequistas e psicoterapias do consolo e da sublimação, não se adequa com as evidências, tampouco com a experiência e o imaginário vivaz das crianças saudáveis e venturosas, ou dos artistas como os entusiásticos pintores impressionistas, ou, ainda, dos naturalistas amantes dos mares, rios, florestas, planícies e montanhas.

É dever do ser humano lúcido, criativo e saudável, superar o absurdo dogma da estraneidade teológica e da neutralidade do cientificismo, reabilitar o sujeito, afirmar a sua unicidade imediata, criativa e paradoxal, o seu inelidível estatuo metafísico cosmo-existencial; instituir o estado-de-ser como observador científico universal.

VI. Axiomas decorrentes

A investigação filosófica profunda permite o reconhecimento das coordenadas e perspectivas metafísicas como princípios vitais que exigem, ou determinam, posicionamentos éticos e estéticos.

O ePMCE é considerado original, natural, instaurando uma relação consciência-existência apreciável com sobriedade e prudência filosófica, consagrando o estado-de-ser como existe in natura.

O ePMTT é considerado excêntrico e desagregador, vulgarizado por imposição ideológica, configurando uma gestalt imperativa e sectária que dinamiza a quase totalidade das expressividades políticas e socioculturais.

As grandes escolhas existenciais do indivíduo afunilam entre: 1) o posicionamento metafísico original, cosmo-existencial, combinante e sereno; 2) o posicionamento metafísico excêntrico, transcendente-transcendental, sectário e hierarquista

O ePMTT vulgariza o conceito mor do dualismo e da modernidade, a ‘estranheidade do Eu’, denegrecendo e decaindo o indivíduo num ‘sujeito-objeto’ coletivizado e massificado – fiel dos hierarcas, joguete dos sociocratas, paciente alienado e incurável das psicanálises.

O dualismo teocrático e o cientificismo, desvios de foco comungantes e emergindo do ePMTT, instituem e conformam fenômenos societários regidos por uma trina de Coordenadas Metafísicas Secundárias (CM2): o subjetivismo, antítese egoica do Logos; o objetivismo, desnaturação insensata do Ethos; o dogmatismo, desvio idealístico do Mythos.

Assim triangulados, a civilização e estado-de-ser padecem nos ordenamentos de um handicap central raramente desafiado: a ideia de um sujeito alienado por necessidade, estranho ao corpo, ao mundo e ao plano divinal.

É ponto de honra e dever humano superar o dogma da estraneidade teológica e cientificista, pilar da edificação societária, afirmando a integração metafísica unitária, criativa e paradoxal do estado-de-ser.

7 REALIZAÇÃO COSMO-EXISTENCIAL

7.1 CRIATIVIDADE, RESPONSABILIDADE E MAIORIDADE

A estraneidade do 'Eu' é o paradigma fundador da psicogeografia situacionista onde se inscreve e se confirmam, vitalizada e internalizada, a trina categorização teológico-política do sujeito: o Id recalcado; o 'Eu' depreciado e objetificado; o Ego elitista e dogmático: expressividades psicoculturais totêmicas, enraizadas ao longo do eixo de perspectiva metafísica transcendente-transcendental.

Uma intuição plena, confirmada pelos indivíduos mais lúcidos, grita do interior-em-si: - "Eu existo integrado e unido ao corpo, ao mundo e ao plano divinal entendido como Cosmos!": a PACE honra essa afirmação negando como pressuposto construído em evidências simples, intuições estéticas e vitais, a possibilidade de delimitar um sujeito separado da sua natureza, de decantar um *subjectum* do sujeito, desafiando a absurda ideia de *estraneidade do Eu*, epítome metafísico do idealismo filosófico-teológico, sectarismo sociocrático e psicologia situacionista correspondente.

Essa nova abordagem e intervenção terapêutica fenomenológica essencialista traz no seu bojo ferramentas adequadas a um justo entendimento; posta a operar com eficiência, essa compreensão inspiradora permite o resgate do estado-de-ser, e, igualmente, lançar fora e em bloco, sem grandes detalhamentos psicanalíticos, o lote de preconceitos e traumas construídos à sombra do eixo de perspectiva metafísica transcendente-transcendental.

7.2 ESCOLHAS METAFÍSICAS

O ePMCE, por descrever com realismo e sensatez o contexto fenomênico fundamental, não necessita ser imposto por convencimento, bastando ser afirmado e lembrado. Enunciada, a perspectiva metafísica genuína e natural da experiência existencial esclarece e encoraja a justa realocação da consciência frente à sua destinação cósmica: as apreciações edificantes que elucidam a congruidade que se intuem sendo o que se é motivam o advento e a realização de novas experiências e escolhas filosóficas.

O ePMCE confirma e enaltece um sentimento poético e espontâneo frente à existência, instituindo coexistências harmoniosas, fundamentadas num bom humor assentado na fonte unitária e genésica que faz reconhecer o Belo e abraçar o outro: elabora uma praxe corajosa que esclareça e dignifique a existencialidade, motive em direção a uma junção criativa com o outro e a natureza-mundo, consagrando uma realização que fomenta e alimenta as virtudes cardeais e sociais, temperando a realidade que se vive na direção das ponderações desejadas.

Este é o plano cognitivo essencial, afirmação precisa e esclarecida que evidencia e gera uma visão e experiência integrativa a partir de onde é possível desenhar um projeto vital ético e virtuoso: de uma boa filosofia resulta uma boa vida, naturalmente, decorrente da excelência e adequação fundadora.

7.3 TRIANGULAÇÃO COSMO-EXISTENCIAL

Esse núcleo existencial pacífico e concordante possibilita a elaboração de uma nova triangulação que reordena os arcos vitais do estado-de-ser: lugar digno onde se goza o prazer de ser natureza, onde se vive o céu das visões, habitando o templo universal das intuições: afirma-se um indivíduo criativo, autoral, harmonioso e integrado que revela o estado-de-ser natural, universal.

Configura-se uma trindade de psicogeografias ou eventos sociológicos integrados: as Coordenadas Metafísicas Secundárias (CM2) típicas do ePMCE onde se integram: 1) corpo e mundo; 2) saber, inteligência intuitiva e reflexiva; 3) onde se revela a inspiração e as musas: realizando um estado-de-ser essencial - *Ethos, Logos e Mythos*.

1) *Ângulo do Ethos* – Psicogeografia do convívio harmonioso e integração dos indivíduos ao contexto natural, lugar-vital onde coexistem respeito, saber e saúde.

Narrado com ênfase poética: Ethos como um bastão de ouro, ou caduceu, plantado em uma planície rodeada de montanhas, rios que serpenteiam e vales onde se edificam aldeias hospitaleiras em que a humanidade se aloja como pássaros aninhados.

2) *Ângulo do Logos* - Psicogeografia da razão qualificada, integrando bons sentimento e compreensões: uma trama que abrange o infinito para imprimir a marca do Cosmos no contexto psíquico e vital, glorificando a natureza, o outro, todas as criaturas.

Narrado com ênfase poética: como uma mandala, o indivíduo flora e irradia saber na trama infinita que se vislumbra na imaginação própria e coletiva.

3) *Ângulo do Mito* – Psicogeografia do símbolo como manifestação fenomênica radical, expressando a esfuziante criatividade da inspiração onde se aprecia o entusiasmo dos poetas e artistas, sábios, filósofos, visionários e inventores.

Narrado com ênfase poética: uma visão que revela um panteão vivo e presente entre nós, onde se aprecia o entusiasmo dos que sabem expressar a esfuziante criatividade e alegria das musas.

VII. Axiomas decorrentes

A filosofia profunda focaliza o 'interior-em-si', lugar onde consciência e existência comungam.

Uma impressão metafísica batismal infeliz não entrava a realização de opções mais sublimes e cômguas, apreciações e escolhas filosóficas livres e conscientes.

Uma intuição precisa e esclarecida caracteriza o eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial que afirma e evidencia visões e experiências integrativas e sublimes.

Na PACE, o 'Eu' existe integrado, unido ao corpo, ao mundo e ao plano do sublime entendido como Cosmos. Elabora-se um sentimento poético e espontâneo frente à existência, resultando uma praxe digna que motiva em direção a uma junção criativa com a natureza-mundo e faz reconhecer o Belo.

Configura-se uma trindade de eventos integrados: as CM2 do Ethos, Logos e Mythos, onde se integram: 1) corpo e mundo; 2) saber como inteligência amorosa 3) e onde se revela uma sublime inspiração.

Configura-se o estado-de-ser original consagrando o lema: respeito, convivialidade e criatividade; visão que fomenta as virtudes cardeais e sociais, realização que tempera a realidade existencial em direção às ponderações desejadas.

8 DA PSICODINÂMICA

8.1 PATOGENIA CULTURAL

Na cultura ordenada a partir do e-PMTT as dificuldades naturais resultam acrescidas de distúrbios e sofrimentos desnecessários arquitetados em coordenadas secundárias onde se induzem e promovem, de modo direto e indireto: a) uma desvalorização do bem-estar ético, de ser o que se é; b) um abuso gerencial onde as pessoas são consideradas como equipamentos - recursos, materiais e peças; c) uma superestratificação política que cerceia a criatividade e a liberdade.

Os ritos e cultos que vicejam em ordenamentos psíquicos que degradam a dignidade do estado-de-ser e exaltam o sofrimento, dificultam o surgimento de uma comunidade virtuosa, gerando expressividades patológicas que se exacerbam, e, eventualmente, se compensam em processos neuróticos, sublimações deslocadas e tortuosas.

O e-PMCE evidencia que o sofrimento natural é relativamente suportável e curável; que uma cultura ponderada e inteligente é fonte predominante de alegria. A justa apreciação do Belo implica uma realização estética que, por necessidade, orienta, conduz e fomenta saberes e subsequentes bem-estares que justificam a experiência existencial.

8.2 ADULTERAÇÃO

A polarização sectária do horizonte metafísico gera um desentendimento radical da realidade e dos seus potenciais, assombra as relações, desnatura e desafia a inteligência cósmica original do estado-de-ser, inibe a evolução psicossocial dos níveis mais reativos em direção aos decursos civílicos da razão qualificada e filosófica, atributo natural do ser humano livre e lúcido, competente em reconhecer-se como transdutor digno e legítimo da harmonia cósmica.

Se por falta de conhecimento, exame e sintonia, não se consegue imaginar metáforas integradoras e narrativas concordantes para descrever a relação entre o Cosmos e a natureza própria, não encontrar-se-ão paz, equilíbrio e felicidade entre seus pares.; o infante sentirá-se perdido, desprovido de identidade, rumo, valores e virtudes, depauperado de intuição.

Desprovido da sua herança universal e potenciais de saberes, carente do essencial, traído pela sua cultura e educação, o indivíduo passa a ser refém das padronizações impostas pelos que aprenderam a transformar elucubrações sectárias e elitistas em alicerces proveitosos.

8.3 MINUSVALIAS CONSAGRADAS

A desarmonia instituída em mitos e intuição negativa e que depauperava, infecta a totalidade das manifestações existenciais, vertendo desassossego desde o banimento sobrenatural até a esse 'Superego' prepotente, 'Eu' objetificado, e 'Id' recalçado.

De confrontos desnecessários, trágicos, condicionados em ritos, crenças, usos, costumes e etiquetas, resultam circunstâncias frustrantes e neuróticas que condizem com o que se acredita ser: castigado e banido da esfera criadora, em busca de consolos e compensações através de idealísticas e anacrônicas noções de alianças proteladas e deslocadas em planos hipotéticos.

Em circunstâncias metafísicas e míticas que evocam um 'Eu' estranho, indigno e banido, recurso fracionado a ser sacrificado em prol a uma vida futura ou post-mortem, inevitável é a disseminação das angústias, descasos e sofrimentos que decorrem das perspectivas e valores fundadores, descomedimentos e desvios que acompanham trágicas e apoéticas sensações de minusvalia e pobreza existencial: fanatismo, sadismo e masoquismo.

Recatos, iras, frustrações, obsessões, quiçá processos psicóticos e desidentificações, são as inevitáveis consequências da infâmia fundadora: o desassossego dissemina-se em crescente, exemplifica-se em todos os planos e aspectos da complexidade psicossocial e sociopolítica, rechaçando o processo evolutivo em níveis instintivos com resultante formação de seitas, partidos, bandas, quadrilhas, monopólios, manipulações e falsificações, trágicos desencontros que não se pacificam.

8.4 DA VERDADE POR CORRESPONDÊNCIA SAGITAL

O que se imagina reportando a si mesmo, necessariamente, refere ao que se pratica e ao que se vive condicionando uma correspondência que não se exorta matematizando as correlações entre os signos e os fatos de acordo com as propriedades transcendental e cientificista da inteligência.

Concernente a relação consciência-existência, as qualidades visionadas e imaginadas comprovam-se por necessidade, determinando os processos criativos, preconceitos e atitudes que condizem e correspondem: denota-se um praxe de natureza específica, metafísica, atuando por intermédio dessa axiologia sagital.

A neurose, originada e instituída nessa minusvalia consagrada, manifesta o que se imagina em nível global e desassossega a vida planetária, exemplificando uma incontornável *veracidade por correspondência sagital*.

Internalizar cogitações psicanalíticas em busca de explicitar, tamponar ou desviar essas frustrações profundas, sem revisitar as intuições metafísicas estruturantes, dispersa o círculo causal numa diáspora que dissemina culpabilidades, vulgariza e naturaliza as irresponsabilidades, de alguma forma, conformando as vítimas desses mitos degradantes, quiçá tornando-as indiferentes, encouraçadas ou esvaziadas.

A incapacidade de reformar condutas patológicas por não demonstrar a coragem necessária ao confronto dos mitos degradantes e à revisão da intuição metafísica subjacente, condena à produção de historicidades reativas, prenunciando a catastrófica e final desintegração dos sistemas insensatos e geopolíticas consequentes.

VIII. Axiomas decorrentes

A polarização sectária do horizonte metafísico inibe a floração e amadurecimento do estado-de-ser e impede a evolução biopsicossocial das esferas mais reativas em direção aos decursos civílicos e maiores da razão qualificada.

Carente do essencial, desprovido da sua herança universal, traído pela sua cultura, o indivíduo passa a ser refém de padronizações sectárias e elitistas; imaginar-se degradado e deslocado do plano do sublime, condena à angústia e ao sofrimento.

Em circunstâncias metafísicas e míticas que evocam um 'Eu' estranho e indigno: um vasto leque de neuroses, iras, frustrações, quiçá processos psicóticos e desidentificações são conseqüências inevitáveis da infâmia fundadora.

Exemplifica-se, em nível global, uma incontornável veracidade por correspondência sagital, onde: concernente à metafísica regente, relação consciência-existência, a qualidade que se visiona e se imagina comprova-se por necessidade.

O e-PMCE demonstra que a justa apreciação do Belo implica uma realização estética que fomenta saberes naturais, motiva e justifica a experiência existencial; afirma-se que uma cultura ponderada e inteligente, logo, virtuosa, é fonte predominante de alegria, plenitude e prazer, predispondo para uma boa vida.

9 PROCESSOS DE CURA

O consulente não é o que parece, apenas um caso: ele é profundo, amplo e universal.

A esperança terapêutica é máxima: é inerente ao estado-de-ser hígido a busca da luz do sol, da sabedoria.

9.1 TERAPIA ANAMNÉSICA

Busca-se caminhar na direção de uma psicodinâmica incluindo as perspectivas universais atinentes ao estatuto humano, evocando um conhecimento inerente, filosoficamente ordenado.

- *Recordação*: antes de ser médico, o termo ‘anamnese’ é filosófico. O conceito refere-se a um processo de recordação através do qual (re)descobrem-se as verdades essenciais que referem ao que mais importa do ponto de vista existencial: ao fenômeno, o imo eternamente atual do estado-de-ser (para Platão, lembrança do mundo das ideias).
- *Conato*: advoga-se a apuração de um dinamismo psíquico transcultural inerente, primordial, efetivo em motivar níveis maiores de integração e saúde: a capacidade de sentir-se, em si, inserido num lugar criativo, coordenadas abertas a experiências e transformações, em busca de plenitude.

9.2 ASPIRAÇÃO VITAL

Entender a dimensão filosófica da PACE exige consequentes e positivos reconhecimentos:

- a) realização da verdadeira natureza é uma consagração individual;
- b) que se afirma por intermédio de uma aprendizagem-educação, um diálogo;
- c) atualização continuada do entendimento, de acordo com as necessidades e contextualizações;
- d) exercido ao longo de um eixo metodológico variável onde as intervenções se pontuam entre os polos conservador e renovador das atitudes projetos manifestos.

Trata-se de um caminho de libertação deslocando os que desejam empreender a viagem de um ponto *alfa* considerado obsoleto, desanimado e coibitivo, em busca de um ponto *ômega* imaginado vivaz, criativo e sublime.

O progresso acontece evocando perspectivas metafísicas e mitos empáticos, cultivando a razão qualificada (Logos e Eros) e a arte do bom discurso: narrativa e retóricas entusiastas e congruentes.

Pertencem aos fundamentos dessa terapia filosófica: desafiar possíveis impressões batismais deprimentes, aprofundar a busca em direção a um autoconhecimento genuíno, focar e esclarecer essa intuição metafísica prima, unitária, enfrentar os paradoxos atinentes, possíveis dificuldades e desafios referentes à aceitação do dado-a-ser, reconhecer-se afiliado ao Belo, buscar coordenar posicionamentos e projetos congruentes com essa identidade e origem.

Intuições, reconhecimentos, afirmações, ordenações fundamentais e específicas caracterizam a proposta terapêutica-filosófica PACE, como se fossem máximas:

- I. Em prol a uma vida digna, examinada e responsável, fundamental é reconhecer e enraizar a sua identidade e essência nas reciprocidades fenomênicas, nas coexistências unitárias e paradoxais do estado-de-ser.
 - a. Uma intuição metafísica lúcida, simpática e unitária, relativas à identidade e origem cósmica do estado-de-ser, permite afirmações e enfrentamentos existenciais criativos, que honram a razão, a responsabilidade e a liberdade.
 - b. Reconhecer-se e sentir-se afiliado ao Belo compromete e responsabiliza do ponto de vista estético e ético, estimula potenciais proativos de veracidade e adequação, inteligência e valores, fomenta vias de realizações.
- II. Uma coordenação existencial lúcida, íntegra, se afirma na construção proativa da própria história, eticidade e enredos:
 - a. Considerando as visões e a razão;
 - b. Examinando e purificando a simbologia que se relaciona aos significados;
 - c. Projetando resoluções de acordo com as experiências e manifestações do estado-vital;
 - d. Fazendo da sua vontade e vitalidade forças codeterminantes do destino.

9.3 ENUNCIADOS FUNDAMENTAIS

9.3.1 Intenção terapêutica

- 1) Essa terapia filosófica refere-se com primazia àqueles que aspiram liderar as suas existências afirmar posicionamentos sapientes, responsabilidade e vitalidade máxima.
- 2) Uma elevada autoestima existencial, uma ponderada e nobre realização ética e cívica, exige o reconhecimento da integração cosmo-existencial como fundamento necessário - senão suficiente por exigir a afirmação contínua e proativa desse reconhecimento.

9.3.2 Princípio unitário

- 3) A prudente apreciação do princípio unitário e mitologia correlata permitem reconhecer a integração fundamental da essência à esfera existencial: corrobora-se uma perspectiva metafísica harmônica, que fomenta uma comunhão proativa e responsável em todos os níveis do estado-de-ser, permitindo superar os determinismos culturais em intuições estéticas e éticas.
- 4) A tentativa de apreciar qualidades existenciais só resulta sensato, produtivo, por intermédio da definição e reconhecimento de um princípio fundador, pacificador absoluto: o grande princípio unitário regendo as efemeridades.

9.3.3 Orientação filosófica

- 5) Uma via terapêutica-filosófica deve permitir o claro e preciso reconhecimento dos possíveis eixos de perspectivas metafísicas, mitologias, ritos correlatos e decorrentes coordenadas metafísicas secundárias que configuram os ordenamentos psicossociais

- 6) Os pareceres filosóficos-existenciais explicitados enfatizam expressividades transculturais, em sinergia com o Ethos mais original e sábio, razão mais lúcida, melhor humor vital, suportes necessários à manifestação de uma boa vida.
- 7) A filosofia profunda, essencialista, focaliza o 'interior-em-si', ambiente onde consciência e existência comungam e revelam uma ineludível reciprocidade. Postula-se a união existencial da consciência, do corpo e do mundo numa totalidade paradoxal.
- 8) A coordenada consciência-existência configura um fenômeno metafísico portentoso que pode ser intuído e significado com razão qualificada e amor próprio, respeito a si mesmo e a todos os viventes.

9.3.4 Intuição metafísica

- 9) Na apreensão profunda e original da junção consciência-existência, estabelece-se um eixo de perspectiva metafísica que se generaliza e se transmite através das imagens, dos mitos e ritos cultuados, correspondentes realizações e contágios culturais, para moldar as estruturas psíquicas e societárias dos indivíduos, estruturar vivências, realizações e limitações.
- 10) Os potenciais de realização, como processos relacionais evolutivos, gravitam ao redor da qualidade metafísica intuída: esse intuição primordial define a propriedade das relações que se estabelecem e discriminam entre si e o que é outro: relações sintônicas e criativas resultam de uma intuição metafísica unitária.
- 11) Existente universal antes de ser objeto cultural, cada indivíduo deve definir o seu valor frente a si mesmo e ao que é outro: explicitar a relação da sua própria consciência com a existência, delimitar o seu estatuto metafísico, escolher o seu destino.
- 12) A revisão filosófica dos sentimentos e visões, dos mitos e dos entendimentos que reportam ao estado-de-ser, poderá modificar as intuições, perspectivas, ritos e decursos existenciais; implementar apreciações e escolhas filosóficas livres e conscientes que minimizem o sofrimento e maximizem o prazer e a glória de existir.
- 13) Saber descrever a junção unitária consciência-existência, compreender-se integrado ao todo, ao corpo, ao mundo, reconhecer-se existindo justamente locado no plano vital, orientado, apreciador do Belo que alimenta a glória de ser o que se é, leva à serenidade, equidade e felicidade.
- 14) Desperto nestes mistérios, o indivíduo vanguardista reconhece e elabora narrativas que elevam a manifestação existencial a uma expressão imediata e cotidiano de princípios sempiternos: visões, intuições arquetípicas, alegorias universais concentrando o poder de saudar e celebrar o que mais nobremente significa.

9.3.5 O indivíduo como estado-de-ser

- 15) O fenômeno existencial existe como estado-de-ser, unidade paradoxal destinada a afirmar sua identidade original e essência.
- 16) Epistemes e paradigmas que celebram a dignidade essencial e natural do estado-de-ser favorecem o progresso e afirmação de indivíduos e comunidades virtuosas.
- 17) O estado-de-ser, justamente compreendido, expressão vital cosmo-existencial coordena um caminho de lucidez, uma praxe, afirmando um enlace concordante, unitário e essencial que antecede às ilusórias divisões ideológicas.

- 18) Se existe algum privilégio frente aos mistérios existenciais, só poderá ser a capacidade de reconhecer e aceitar a reciprocidade pervasiva e unitária do estado e do ser, em si mesmo, no outro, em todos os existentes e reinos da natureza: reconhecer a adequação da natureza e humanidade frente aos universais.

9.3.6 Criatividade essencial

- 19) A experiência do numinoso, do belo e sublime, reunião vital dos pensamentos e sentimentos mais sutis com as circunstâncias mais fascinantes, mana do estado-de-ser como as estrelas manam da noite.
- 20) O reconhecimento do Belo resulta da atualização de um potencial natural, não relata a uma dialética histórica ou aprendizagem culturalista: a justa apreciação do Belo implica uma realização estética criativa e individual e induz uma conduta virtuosa.
- 21) Sendo a manifestação existencial um processo espiralado e evolutivo, a expressividade vital 'heliotrópica', o conato, élan do existente em direção ao Belo e sublime, é compreendido como uma dinâmica inerente ao estado-de-ser.
- 22) O exercício da virtude é uma faculdade congruente à natureza e aos potenciais do estado-de-ser; a sintonização harmoniosa e totalizante do estado-de-ser é prevista na lucidez, bondade e valores que o vivente afirma.
- 23) A reunião da consciência e existência num enlace criativo, união intrínseca e conjuntiva do Ethos, Logos e Mythos; a coexistência recíproca dos eventos simbolizados e simbolizantes tende a manifestar e colapsar o que se aprecia, discrimina e intenciona na esfera psicossocial.
- 24) Reconhecer o dado-a-ser como evento onde colapsam identidade e a origem no fenômeno autopoietico implica um judicioso cultivo da razão lúcida, um bom "grau de memória": trilhar os caminhos e portais do bom humor e da alegria, a eles retornando com presteza, evitando as entradas para o mundo inferior, do mau humor, o mundo de Hades.

9.3.7 Responsabilidade social

- 25) Sociedades, comunidades e famílias só podem se formar e reger por intermédio de uma estrutura ideológica, configurada em intuição metafísica e flutuando em mitos.
- 26) A intuição metafísica é o princípio original e identificador que significa e caracteriza mais profundamente o estado-de-ser e decorre de uma dupla indução: a) da absorção mimética do padrão cultural dominante, formalizado e inscrito em retórica, ritos, etiquetas e urbanidades; e, b): da revisão filosófica: um processo psicoeducativo revela ser decisório para uma edificação consciente e elevada apreensão do estado-de-ser que se experiencia.
- 27) Histórias societárias, ou narrativas infelizes e violentas, existem flutuando numa metafísica insultada, rompida, num mito ífero, ou incompreendido, desvirtuado.

9.3.8 Do momento terapêutico

- 28) Reconhecer a unidade paradoxal e genérica do estado-de-ser, sua adequação e valor, configura uma gestalt integradora apta a dinamizar e coordenar expressividades cívicas e socioculturais amenas como idealizadas pelos sábios e terapeutas de todos os tempos.

- 29) O reconhecimento indubitável do fenômeno, a unicidade paradoxal do estado-de-ser, como ele é, essencial, misterioso, é a experiência primária, realizadora e terminativa.
- 30) O tempo referente ao fundamental não é cronológico, é o momento com enraizamentos espantosos e sublimes: ancoradouro universal do estado-de-ser, o momento se consagra como único lugar produtivo.

9.4 EPISTEMES FUNDADORAS

A ciência psicopedagógica pressupõe que boas arquiteturas cognitivas devem fundamentar a realidade humana, reforçar com virtude as boas providências originais: trata-se de um conjunto de epistemes acopladas às configurações universais como luva e mão, conectando em ressonância todas as variáveis, abonando a razão, honrando a excelência da sabedoria, celebrando o timo (afeto) mais belo, dignificando a metafísica mais genuína e sublime.

Neste roteiro, a psicogeografia vital - natureza, corpo e consciência em que a existencialidade acontece – determina uma praxe mais sensível fundamentada ao redor do mistério originário, exatidões descritíveis em termos poéticos e filosóficos que se conferem de imediato na aliança da intuição, razão e estética.

Cada indivíduo é chamado a se posicionar e escolher. A bifurcação a vencer: a) permanecer enredado nos determinismos reativos, apriorismos históricos e culturais, ou: b) superar, honrar a razão, assenhorar-se da cultura e atualizar uma intuição metafísica digna, aprimorando o conhecimento de si: uma apreciação íntima, parcialmente analisável por ser intuitiva. A experiência se fertiliza a partir de um mergulho em si, enraizamento e conexão genuína e primária do fenômeno, resulta em conhecimento e saberes evocando fundamentos cósmicos e recíprocos: o reconhecimento do Belo e sublime.

- I. *Ethos*: induz ao reconhecimento do estado-de-ser como ele é, conforme a sua essência, natividade autêntica, compassada no arco solar e planetário, enraizada na unicidade cósmica, implicando honrar uma autoestima central, cultivar uma confiança basilar na própria visão, valor e intuitividade.
- II. *Razão qualificada (Logos e Eros)*: o contexto existencial apreciado e cientificado por intermédio de uma experiência abrangente, envolvendo por igual as diversas inteligibilidades, evidencia uma filosofia plena, centrada na inefabilidade e mistério ontológico.
- III. *Saber*: levada pela sensibilidade estética em direção ao Belo, a abstração que se generaliza é a virtude conata apta a resgatar a psique, dissociada no envelhecimento dos conceitos introjetados e não revisados, para ressurgir no plano vivo e atuante da existencialidade. O que se experiencia sentindo o pulsar íntimo da vida é a unidade suprema que flora e regurgita de verdade imediata.
- IV. *Afeto ou Timo*: apreciar o presente com alegria e amor; contemplar a harmonia natural, sintônica e singela, poderá conflamar um encontro extático e sublime, realizando esplendor em toda a linha existencial, um magno e amplo processo consciencial, apoiado na estrutura do real em que o conceito 'divino' se explicita no amor e lucidez experienciados pelo

significador: iniciação típica da infância, inscrita na narrativa - o infante como apreciador imediato, apogístico, do campo existencial.

- V. *Virtude*: o exercício da ética decorre em reconhecer como belo e bom o que é dado a ser; bondade como aceitação e afirmação processual, amadurecendo e florando na arte magna da cívica; transferir e converter a harmonia cósmica para o âmbito comunitário revela ser a vocação mais alta da humanidade.

9.5 HETERONIMIA CRIATIVA

Uma mitologia que eleva o estado-de-ser à trama universal deve desenhar uma participação proativa e garantir um lugar autoral na harmonia cósmica.

“Parece-me ridículo (...) que me ponha a examinar coisas que não me dizem respeito. Não são as fábulas, que investigo: é a mim mesmo. Talvez eu seja um animal muito mais extravagante (...) de que Tífon; ou, porventura, um animal mais pacífico e menos complicado, cuja natureza talvez participe de um misterioso e divino destino, mas que não se enche com os fumos do orgulho...”. Sócrates – Fedro; 230^a.

A reestruturação do bom funcionamento psíquico acontece pela introjeção de arquetípicos heroicos, míticos. Os antigos cercavam-se de deuses e demiurgos, gênios, ânimos divinos, criativos, no entanto, livres para acertar ou falhar, assim como a humanidade.

A realização funcional desse panteão, *daimónions* e conselheiros, guardiões simbólicos das epistemes, é possível: resulta de uma dedicação e aperfeiçoamento constante. Auxiliando a instrumentalizar talentos e conceitos filosóficos, imaginar-se-á o estado-de-ser como uma mão regente, uma formação quintil: um provedor, um criador, um instrutor, um artista e um visionário.

9.6 CIBERNÉTICA EVOLUTIVA

Leva-se em consideração que o progresso evolutivo do Conatus em busca do sublime acontece de acordo com princípios existenciais universais:

1 - *Princípio Magno* - O sentido do sistema universal correlativo ao estado-de-ser é evoluir, gerar uma expressão renovada, mais perfeita, consciente e amena, pela via mais simples e econômica.

2 - *Princípio da Distribuição* - A potência criadora se distribui, em cada manifestação, em função da mais perfeita regência do Princípio Magno, em prol da maior integração e coerência do estado-de-ser.

3 - *Princípio do Efeito Dual* - Uma ação polarizada tende a induzir uma resposta inversa e complementar.

4 - *Princípio da Adaptação* - Resistências aplicadas à expressão vital, ao fluxo, forçam o surgimento de caracteres alternativos, vicariantes, uma mudança circunstancial ou à entrada em ação do Princípio do Efeito Dual.

5 - *Princípio da Reintegração* - Na supressão dos fatores resistivos, a higidez vital, de acordo com o Princípio Magno, renova a sua expressividade possibilitando a reintegração dos segmentos reprimidos via cicatrização, reformulação, reconhecimento, reprodução, desintoxicação, etc.¹

6 - *Princípio do Equilíbrio* - Compreender, de acordo com o Princípio Magno, a natureza fenomênica, ambígua e paradoxal das polarizações possibilita o surgimento de um terceiro ponto de vista, potencialmente unitário e tolerante.

7 - *Princípio das Determinações Circunstanciais* - Princípios imutáveis são evocados por fatores circunstanciais; a recepção e assimilação de informações verdadeiras, recursos, desenvolvem o sistema.

8 - *Princípio da Sinergia* - A resistência evolutiva diminui à medida em que o estado-de-ser resulte ser mais abrangente e consciente, tendendo a se tornar mais ágil, responsivo e equilibrado.

9 - *Princípio da Heliotropicidade, ou conatus* - É inerente ao estado-de-ser hígido a busca da luz do sol, da sabedoria.

¹ Nas doutrinas religiosas que consideram a vida no planeta terra como sendo um “purgatório” para a correção do “pecado original”, o Princípio da Reintegração é elucubrado como ‘teoria da salvação’.

10 DA ESTRUTURA DO ATENDIMENTO

10.1 RESPEITO E TOLERÂNCIA

Embora caracterizando um extraordinário desvio metafísico-existencial, genérico e amplamente vulgarizado, onde enraíza a quase totalidade da psicopatologia, respeitam-se os que deslocam o motivo, enredo e eticidade da própria história em campo alheio e sobre-humano, imaginam resoluções inscritas em teorias que não sintonizam com o estado-vital que se experiencia.

Não se tolera uma intervenção que ambicione superestratificar a liberdade cognitiva e criatividade, cerceando o direito de experienciar paradigmas e expressar-se, mas, se necessário, respeita-se alguém que não seja capaz de reconhecer a sua afiliação ao Belo, caracterizando-se enfermo do ponto de vista estético e ético, transformando potenciais de veracidade e adequação em desinteligência, minusvalias e padecimentos.

- “Mas como eu poderia reconhecer essa afiliação ao Belo? Eu, frágil, destituído de imaginação criadora, cercado de coisas horríveis, injustiçado e desrespeitado? Como reconhecer uma identidade e essência digna nessas coexistências ingratas e injustas em que me vejo mergulhado desde que nasci? Perscrutando a mim mesmo sou levado ao mais trágico desespero! Não posso me sentir integrado ou de alguma forma responsável pela miséria que está acontecendo na minha vida! Tenho de encontrar alguma explicação, motivo, ou teoria que não se refere a mim, que não me responsabilize, algo que possa me oferecer alguma esperança além desses poderes que não possuo! Não encontro confiança alguma em mim, nas minhas ideias confusas, impulsos imediatos e reações amedrontadas! Quero escapar de mim, esquecer a minha vida e essa natureza ingrata! Quais as opções? Resignar-me a essa desesperança? Evocar justificativas históricas, cultivar sentimentos de revolta e de ira, inventar uma outra identidade e essência em arquiteturas subjetivistas, fomentando loucuras? Buscar idealidades hipotéticas, sobrenaturalistas, enquadramentos religiosos consoladores?”.

Cultivar a criatividade e a responsabilidade, afirmar a liberdade, querer examinar a imaginação, as metáforas e as simbologias que significam, sentir-se afiliado ao Belo, escolher uma intuição metafísica que honra a razão, trabalhar em busca de uma vida digna, fazer da sua vontade e vitalidade forças codeterminantes do destino, buscar lucidez e integridade, são intentos e desígnios conaturais que devem, de alguma forma, preexistir, latentes, ou configurar-se como desejáveis no íntimo dos que procuram essa terapia.

Um indivíduo desesperado, reagindo aos desafios existenciais como descrito acima, possivelmente, poderia, em circunstâncias diversas, emular outros potenciais; mas, assim discursando, demonstraria estar no extremo oposto de um eixo existencial tensionado entre estados e teleologias divergentes: a) um espaço fértil e criativo, impulsionado por Eros, exultando saúde e beleza, b) um espaço sitiado, como uma cidadela, uma Atenas dominada como a que condenou Sócrates a beber cicuta: relações psicossociais enredadas em conflitos, populismos, repressões e dogmas.

Enquanto não impõem sistemas educativos dominadores e normativos, respeitam-se os que parecem evidenciar uma intuição desfocada relativa à identidade e origem profunda do estado-de-ser, pretendendo compensar sentimentos ambíguos, talvez amedrontados, por um escapismo consolador inscrito em decursos cientificistas ou teológicos dúbios, afirmações dogmáticas. Respeitam-se os que aviltam a razão própria e sub-rogam a sua liberdade, mas não se tolera ser induzido a pensar e agir da mesma forma.

10.2 COMPROMISSO DE PARTICIPAÇÃO

10.2.1 Dos encontros:

Recomenda-se encontros semanais, intensos, entre dez a doze encontros iniciais.
Reavaliações e pontuações periódicas.

10.2.2 Expectativas

Relativas ao consulente:

Assiduidade e comprometimento.

Uma meditação dedicada relativa aos conceitos e experiências galgadas nos encontros.

Relativa ao terapeuta:

Uma escuta intensiva.

Um reposicionamento filosófico preciso dos desvios culturais.

Buscar e desvelar dimensionamentos universais.

Desafiar opiniões.

Uma ironia ponderada, se necessário.

Bom humor.

10.3 ELICIANDO A NARRATIVA

10.3.1 Detalhamento

- Deverá ser escutada com máximo interesse, de alguma forma registrada (escrita ou gravada);
- A história poderá ser disponibilizada, gravada ou escrita previamente pelo consulente;
- A narrativa, ou situação existencial, como fenômeno apto gerar uma busca, deverá fornecer desafios, levantar problemas e temáticas, servindo de alavanca em busca das situações desejadas de responsabilidade e plenitude.

10.3.2 Assuntos necessários

- As circunstâncias geográficas e psicofísicas onde nasceu e foi educado;
- Os problemas principais;
- As preocupações;
- A carga emocional e afetiva dos eventos, as qualidades;
- As relações nos diversos níveis, em todas as conjugações:

- ‘Eu comigo mesmo’, intimidade intrínseca;
- ‘Eu com tu’, intimidade a dois;
- ‘Eu com nós’, intimidade familiar;
- ‘Nós com eles/elas’, as inserções comunitárias, ‘eu com a sociedade’;
- Eu com a natureza;
- Eu com as dimensões do sagrado.

Como tese e argumento de libertação, conotar-se-á um processo surgindo da existencialidade como um movimento, uma busca expressando o élan vital, o conato. Há de visionar a narrativa como um cenário, uma psicogeografia onde repor as perspectivas vitais, os poderes rendidos, as responsabilidades negadas, rever as omissões afirmando escolhas, dizer o que não foi dito: exercitar o *verbum*. Pressupõe-se que às margens dos eventos dramáticos, elementos importantes não foram valorizados, tampouco verbalizados, faltando à gestação de novos sentidos.

Há dimensões existenciais apazíveis em todas as narrativas: merecem atualizações, ‘remasterizações’, em escalas mais qualificadas. É imprescindível acrescer detalhes, adjetivar, ampliar as vivências, clarear os pontos turvos, eliciando e criando explicações hipotéticas como alavancas na busca de desconstruções e reconstruções.

O terapeuta transforma a narrativa do consulente em exercício de liberdade, reconstrução e desafio, fomentando esse élan em busca de realização e plenitude a ser vivida, e, igualmente, revisa os objetivos imediatos, os anseios peculiares, pontuais, decodificando as aspirações com o auxílio das coordenadas filosóficas.

10.4 METODOLOGIA

10.4.1 Escuta intensa

- Estimulando o progresso e explicitação da narrativa (anotações são importantes);
- Uma retomada segmentada dos temas e assuntos.

10.4.2 Revisão e correjimento

Cada segmento revisitado funciona como unidade, revelando oportunidades e progressos terapêuticos visando:

- O deslocamento da atmosfera subjetiva, culturalista, hierarquista e repressora.
- O reassentamento no Ethos (responsabilidade e configuração) genuíno do existente.
- Durante o processo, o consulente é estimulado intensamente, a reexpressar os temas existenciais destacados, atualizando os dados, resgatando graus maiores de maestria, liberdade e responsabilidade criativa.

10.4.3 Modulação

Tais intervenções serão processadas na forma de:

- Perguntas.
- Exemplificações derivadas.

- Afirmações conclusivas e desafios, em graus diversos de expressividades, humor e incisividade.

O contrato terapêutico deverá estipular se o consulente deseja ser orientado no sentido de rever os valores introjetados, apenas por intermédio de perguntas (maiêutica), ou, igualmente, ser desafiado através de: a) exemplificações, b) desconstruções, c) afirmações.

10.5 PERGUNTAS E DESAFIOS

É necessário dar ao interlocutor poder, opções, ensinar a ver o belo, a riqueza dos momentos. Imaginar como encontrar o caminho da maioria e da realização filosófica, desafiando, perguntando:

- O que você gostaria de ter pensado, dito e feito?
- onde estariam escondidas as aberturas?
- Algo fundamental deixou de ser dito?
- Intui-se acontecimentos ocultos?
- Como você superava as situações?
- O que fazia?
- O que pensava?
- Como via esse mundo que é seu e a si mesmo?
- Quais eram os sentimentos principais, as ideias fundamentais, o que mais interessava?
- Quais as lições possíveis destes eventos?
- E essa sensação de sagrado frente à vida, de grandiosidade: houve tal sensação no passado?
- Existe esse sentimento?
- E se esses desafios fossem entendidos como aclives em busca de chegada, qual poderia ser o destino?

11 PERPLEXIDADES INERENTES

Em busca de uma dimensão cognitiva perdida ou hipotrofiada por desuso, tornar-se fundamental desconstruir as estruturas dogmáticas e sectárias. Tais situações são motivos superficiais de uma batalha mais profunda e perdurante, delimitando um debate trágico, transcivilizacional.

Trata-se de um dilema em que o estado-de-ser é chamado a se reconhecer: 1) seja afirmar-se no cenário evolutivo na sua forma original e universal; 2) seja continuar negando a si mesmo, desconhecendo os alinhamentos cósmicos, submetido a podas e grilhões aplicados nas culturas que confundem repressão com educação, dando aos prepotentes representantes do absurdo o poder de julgar e legislar seu próprio valor, identidade e missão.

Como orientação precípua, a terapia proposta pretende posicionar o indivíduo no rumo da universalidade; minar as impressões societárias impositivas e limitantes (oriundas de debates e contendas histórico-culturais fatuais e acidentais); transcender as fixações dúbias em veracidade e legitimidade.

12 SINAIS DE PROGRESSO

O progresso, na direção da autonomia filosófica, compreensão existencial e sapiência, é sinalizado pelo surgimento e multiplicação de estados de ânimo responsáveis, proativos, harmoniosos e felizes.

Nesse processo terapêutico, espera-se:

- Uma desconstrução e relativização da história pessoal.
- A desdramatização dos determinismos culturais em busca de universalidade.
- A libertação dos jugos culturais rígidos, condicionados e/ou autoimpostos.
- Uma (re)construção e (re)encontro com talentos possíveis e específicos.
- O reconhecimento dos elementos construtivos reportando às edificações desejadas.
- Um manifesto em busca de maior autonomia e responsabilidade.
- Uma sensação de gratidão e respeito pelo próximo e familiares.
- O surgimento mais frequente de *atos magistrais*:

Atos magistrais: expressão inversa da denominação psicanalítica de “ato falho” (determinado a partir de uma ‘subconsciência’, carência de veracidade e autenticidade) resultando de um ato ciente, intencional, acrescido de aspectos conceituais e cinestésicos ‘hiperconscientes’. A instância psicofísica geradora destes fenômenos é denominada através das expressividades: *Daimónion* ou *Gênio*; configurando uma constelação cognitiva e motora, ideomotora, hiperconsciente.

Ao diluir as influências restritivas, atuais e passadas, reais ou imaginárias, fortalecer o valor inato e a autonomia do(a) consulente, a terapia, processo nutridor e desobstrutivo, leva a um lugar atualizado e vivaz onde a natureza própria se expressa com criatividade e liberdade.

A evolução acontece: 1) estimulando um élan vital, criativo e sedento de realização; 2) evocando um mito generoso e proativo, que, num enlace positivo, abrange o estado-de-ser nos seus decursos; 3) através de um processo dialógico, experimentos que reorganizam a narrativa revelando aspectos insuspeitos e produtivos, fertilizando a oratória e retórica do partilhante: o novo Mythos atrai e desperta Eros à luz do um Logos edificante, acondicionado em retórica e poética condizente, em direção a um novo Ethos.

A esperança terapêutica é máxima: é inerente ao estado-de-ser hígido a busca da luz do sol, da sabedoria.

/RB